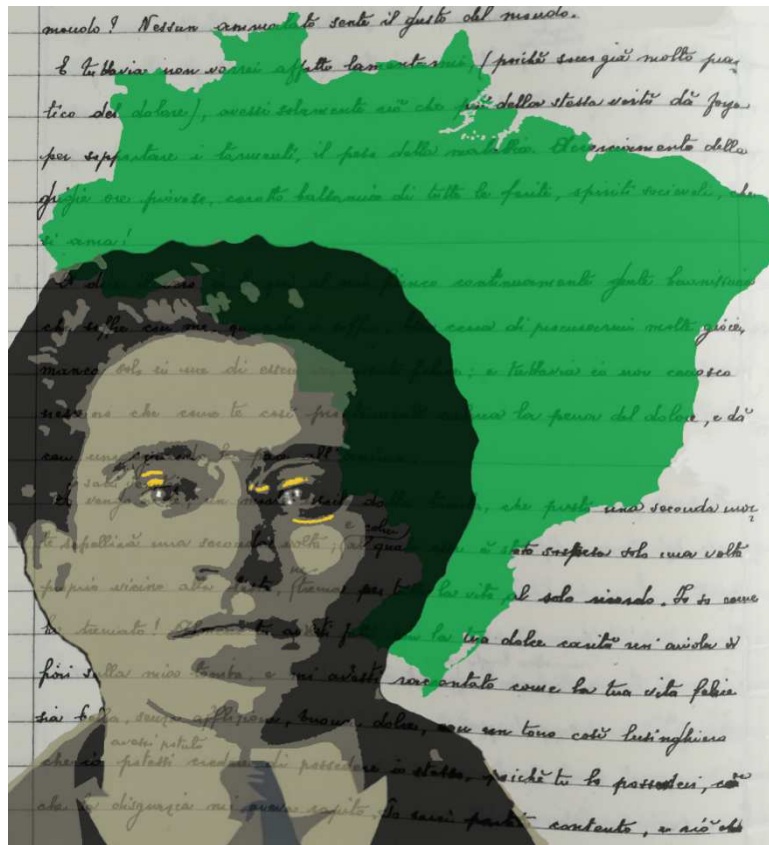


AMMENTU

Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe

“Gramsci tropicale”: dossier sul successo degli studi gramsciani in Brasile

A cura di
Gianni Fresu



CENTRO STUDI SEA

aip edizioni **aip** **srl**

Numero speciale / 2
gennaio - giugno 2020

Direzione

Martino CONTU (direttore), Annamaria BALDUSSI, Patrizia MANDUCHI

Comitato di redazione

Giampaolo ATZEI (capo redattore), Lucia CAPUZZI, Raúl CHEDA, Maria Grazia CUGUSI, Lorenzo DI BIASE, Mariana FERNÁNDEZ CAMPO, Manuela GARAU, Camilo HERRERO GARCÍA, Roberto IBBA (capo redattore), Francesca MAZZUZI, Nicola MELIS (capo redattore), Giuseppe MOCCI, Carlo PILLAI, Domenico RIPA, Elisabeth RIPOLL GIL, Maria Cristina SECCI (coordinatrice), Maria Angel SEGOVIA MARTÍ, Maria Eugenia VENERI, Antoni VIVES REUS

Comitato scientifico

Nunziatella ALESSANDRINI, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores (Portugal); Pasquale AMATO, Università di Messina - Università per stranieri "Dante Alighieri" di Reggio Calabria (Italia); Juan Andrés BRESCIANI, Universidad de la República (Uruguay); Carolina CABEZAS CÁCERES, Museo Virtual de la Mujer (Chile); Zaide CAPOTE CRUZ, Instituto de Literatura y Lingüística "José Antonio Portuondo Valdor" (Cuba); Margarita CARRIQUIRY, Universidad Católica del Uruguay (Uruguay); Giuseppe DONEDDU, Università di Sassari (Italia); Josep María FIGUERES ARTIGUES (Universitat Autònoma de Barcelona); Luciano GALLINARI, Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea del CNR (Italia); Maria Luisa GENTILESCHI, Università di Cagliari (Italia); Elda GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (España); Antoine-Marie GRAZIANI, Università di Corsica Pasquale Paoli - Institut Universitaire de France, Paris (France); Rosa Maria GRILLO, Università di Salerno (Italia); Souadi LAGDAF, Struttura Didattica Speciale di Lingue e Letterature Straniere, Ragusa, Università di Catania (Italia); Victor MALLIA MILANES, University of Malta (Malta); Antoni MARIMÓN RIUTORT, Universidad de las Islas Baleares (España); Lená MEDEIROS DE MENEZES, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil); Roberto MORESCO, Società Ligure di Storia Patria di Genova (Italia); Carolina MUÑOZ-GUZMÁN, Universidad Católica de Chile (Chile); Fabrizio PANZERA, Archivio di Stato di Bellinzona (Svizzera); Roberto PORRÀ, Soprintendenza Archivistica per la Sardegna (Italia); Sebastià SERRA BUSQUETS, Universidad de las Islas Baleares (España); Dante TURCATTI, Universidad de la República (Uruguay)

Comitato di lettura

La Direzione di AMMENTU sottopone a valutazione (referee), in forma anonima, tutti i contributi ricevuti per la pubblicazione.

Responsabile del sito

Stefano ORRÙ

AMMENTU - Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe

Periodico semestrale pubblicato dal Centro Studi SEA di Villacidro e dalla Casa Editrice Aipsa di Cagliari.

Registrazione presso il Tribunale di Cagliari n° 16 del 14 settembre 2011.

ISSN 2240-7596 [online]

c/o Centro Studi SEA
di Fondazione "Mons. Giovannino Pinna" onlus
Via Roma 4
09039 Villacidro (VS) [ITALY]
SITO WEB: www.centrostudisea.it

c/o Aipsa edizioni s.r.l.
Via dei Colombi 31
09126 Cagliari [ITALY]
E-MAIL: aipsa@tiscali.it
SITO WEB: www.aipsa.com

E-MAIL DELLA RIVISTA: ammentu@centrostudisea.it

“Gramsci tropicale”: dossier sul successo degli studi gramsciani in Brasile

A cura di
Gianni Fresu



ENTRO STUDI SEA

a **aipsa** **edizioni** **sti**

I EDIZIONE

© 2020

Centro Studi SEA
di Fondazione “Mons. Giovannino Pinna” onlus
Via Roma 4
09039 Villacidro
e-mail: info@centrostudisea.it
www.centrostudisea.it
www.centrostudisea.it/ammentu/index.php/rivista

ISSN 2240-7596
ISBN 978-88-96125-52-6

AIPSA Edizioni
Via dei Colombi 31
Cagliari
Tel. 070 306954
e-mail: aipsa@tiscali.it
www.aipsa.com

I diritti di traduzione, di memorizzazione elettronica,
di riproduzione e di adattamento totale o parziale
con qualsiasi mezzo (compresi i microfilm e le copie fotostatiche)
sono riservati per tutti i paesi.



CLACSO
Consejo Latinoamericano
de Ciencias Sociales



In copertina

Antonio Gramsci, immagine realizzata da Alessandro Ruggeri, Cagliari, 31 maggio 2020.

Sommario

“GRAMSCI TROPICALE”: DOSSIER SUL SUCCESSO DEGLI STUDI GRAMSCIANI IN BRASILE

GIANNI FRESU	Introduzione / Introduction	3
1. GIANNI FRESU	Gramsci cittadino del Brasile. Vicende, categorie e ragioni di una fortuna scientifica duratura	9
2. IVETE SIMONATTO SABRINA APARECIDA DA SILVA	Ideologia e Hegemonia em Gramsci: notas sobre a realidade brasileira	25
3. MARCOS DEL ROIO	Carlos Nelson Coutinho e a questão democrática (1977-1981)	38
4. LEANDRO GALASTRI	Mariátegui, Gramsci e as afinidades eletivas de dois pensamentos <i>für ewig</i>	52
5. MARCOS AURÉLIO DA SILVA	Gramsci e a espacialidade da dialética: elementos de uma Geografia Crítica	69
6. MARIA SOCORRO MILITÃO	O movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra (MST) do Brasil e a tradução do ideário gramsciano	83
7. ANITA ELENA SCHLESENER	A linguagem e seu significado político e pedagógico a partir dos escritos de Gramsci	103
8. LUCIANA ALIAGA	Gramsci e Pareto: sobre a passividade das massas	118
9. ANA MARIA SAID	Rivoluzione e democrazia: l'eurocomunismo in Brasile al crepuscolo della dittatura	134

Mariátegui, Gramsci e as afinidades eletivas de dois pensamentos für ewig
Mariátegui, Gramsci and the elective affinities of two thoughts für ewig
Mariátegui, Gramsci e le affinità elettive di due pensieri für ewig

DOI: 10.19248/ammentu.359

Ricevuto: 18.04.2020

Accettato: 24.05.2020

Leandro GALASTRI

Universidade Estadual Paulista (Brasil)

International Gramsci Society Brasil

Abstract

This article intent is to present an introductory comparison between Marxist thinkers José Carlos Mariátegui (Peru) and Antonio Gramsci (Italy). It is about indicating affinities in relevant dimensions of his political and intellectual trajectory, such as: the environment of intellectual formation, centered on the Italian philosophical debate of the second decade of the 20th century; the influence represented by the rise of fascism in his works and the specific dialogue with the French philosopher Georges Sorel; the debate on the national organization of culture and the role of intellectuals; class analysis from the perspective of the relationship between big capital and backward agricultural formations; the classist articulation between countryside and city.

Keywords: José Carlos Mariátegui, Antonio Gramsci, Marxism, indigenism, peasants

Resumo

Este artigo procura apresentar uma comparação introdutória entre os pensadores marxistas José Carlos Mariátegui (Peru) e Antonio Gramsci (Itália). Trata-se de indicar afinidades em dimensões relevantes de sua trajetória política e intelectual, como: o ambiente de formação intelectual, centrado no debate filosófico italiano da segunda década do século XX; a influência em suas obras da ascensão do fascismo e o diálogo específico com o filósofo francês Georges Sorel; o debate sobre a organização nacional da cultura e o papel dos intelectuais; a análise de classes na perspectiva da relação entre grande capital e formações agrárias atrasadas; a articulação classista entre campo e cidade.

Palavras-chave: José Carlos Mariátegui, Antonio Gramsci, marxismo, indigenismo, camponeses

Sommario

Con questo articolo intendiamo presentare un confronto introduttivo tra i pensatori marxisti José Carlos Mariátegui (Perù) e Antonio Gramsci (Italia). Si tratta di indicare affinità in dimensioni rilevanti della loro traiettoria politica e intellettuale, quali: l'ambiente della formazione intellettuale, incentrata sul dibattito filosofico italiano del secondo decennio del XX secolo; l'influenza nelle loro opere dell'ascesa del fascismo e del dialogo specifico con il filosofo francese Georges Sorel; il dibattito sull'organizzazione nazionale della cultura e sul ruolo degli intellettuali; l'analisi delle classi dal punto di vista del rapporto tra il grande capitale e le formazioni agrarie arretrate; l'articolazione classista tra campagna e città.

Parole chiave: José Carlos Mariátegui, Antonio Gramsci, marxismo, indigenismo, contadini

1. Apresentação

Em abril de 2020 recordamos os noventa anos do precoce falecimento do principal pensador marxista das Américas, José Carlos Mariátegui (1894-1930). Criador de um

marxismo heterodoxo, ou “herético”, apresenta semelhanças, aproximações e, segundo Michael Löwy, profundas afinidades com grandes pensadores do marxismo ocidental, como Gramsci, Lukács e Walter Benjamin¹. É justamente em comparação com um deles, Antonio Gramsci, que apresento alguns traços do pensamento e da atividade política de Mariátegui. Tal aproximação comparativa entre os dois marxistas, como se sabe, não possui nada de original, mas esta tem a pretensão de ser uma singela homenagem e chamar a atenção para a “surpreendente atualidade”² do marxista peruano.

2. Mariátegui e a Itália

O começo do século XX no Peru conhecia um renascer da influência das letras italianas. As traduções feitas pelo poeta Manuel Gonzalez Prada já tinham suscitado o interesse do jovem José Carlos, atento ao trabalho de seu mentor indigenista e literato de tendências anarquistas. Outra influência importante nesse sentido foi seu amigo e escritor Abraham Valdelomar, estudante de Letras na Universidade de São Marcos e conhecedor de literatura italiana, que inspirou em Mariátegui, já desde 1915, o desejo de conhecer a Itália antes que a qualquer outro país³.

Em meados de 1918, enquanto lidava com suas atividades editoriais na produção da revista «Nuestra Epoca» e o periódico humorístico «La Noche», Mariátegui esteve ligado a um socialista italiano de passagem por Lima, chamado Remo Polanstri. Com ele, chega a planejar a organização de um partido socialista, plano que foi discutido com seus colegas editores. Além disso, desenvolvia sua inclinação às ideias socialistas acompanhando o desenrolar da luta sindical no Peru, que desemboca, em 1918, na primeira greve geral, com importantes repercussões políticas. Somava-se a isso o clima do fim da guerra na Europa, que trazia algumas conquistas sociais importantes, como a jornada de oito horas e a vitória da Revolução Russa, que passava a partir de então a inspirar as lutas socialistas no mundo todo⁴.

Em 1919, o presidente peruano Augusto Leguía, que então iniciava uma ditadura que duraria os próximos onze anos (o “oncênio”), enviou Mariátegui para a Europa como representante cultural. Era, na verdade, um exílio disfarçado. O parentesco distante com a esposa de Leguía valeu a Mariátegui tal alternativa. A outra opção seria a cadeia. A viagem rumo a seu exílio velado na Europa começou em 8 de outubro de 1919 e fez escala em Nova Iorque. Ali pode observar, ainda que de passagem, a organização operária estadunidense, por ocasião de uma greve dos trabalhadores portuários. Em 10 de novembro desembarca na França. No Natal do mesmo ano chega à Itália, de onde partirá apenas em junho de 1922, somando um total de dois anos e sete meses de permanência na Península, em que aproveitará proficuamente o fervilhante e conturbado ambiente intelectual, político e social do início da década de 1920 naquele país. Em seguida passa mais dois meses na França e seis na Alemanha. Embarca de retorno ao Peru em fevereiro de 1923⁵.

Na Itália, Mariátegui assiste ao Congresso Socialista de Livorno, em janeiro de 1921, que dará origem, a partir do rompimento de uma fração da esquerda do partido, ao Partido Comunista da Itália, episódio que exerceria sobre ele forte influência na

¹ MICHAEL LÖWY, *Introdução*, JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, *Por um socialismo indo-americano*, Editora UFRJ, Rio de Janeiro 2005, p. 7.

² GUIDO MELIS, *Mariátegui, la sorprendente attualità di un marxista peruviano*, in «Critica Marxista», n° 6, novembro-dicembre 1995.

³ ESTUARDO NÚÑEZ, *La experiencia europea de Mariátegui*, Empresa Editora Amauta, Lima 1994, pp. 9-12.

⁴ *Ivi*, p. 18.

⁵ *Ivi*, pp. 20-21.

manutenção de sua posição convictamente antirreformista. Conhece, no mesmo ano, a jovem italiana Anna Chiappe, com quem se casa. Os pais da jovem eram amigos do filósofo napolitano Benedetto Croce, que passou a nutrir simpatia por Mariátegui e que exerceu sobre ele, direta e indiretamente, importante influência intelectual. Além de Croce, Mariátegui conheceu pessoalmente grandes figuras do pensamento italiano, como o jovem liberal-revolucionário Piero Gobetti. Entre este e Mariátegui, aliás, como observa Núñez, haveria uma

Identificação de destino, de ideologia e de atitude [...] A morte prematura (o primeiro não chegou aos 30 anos e o segundo morreu aos 35), a preocupação social e econômica, as fontes comuns (Marx, Sorel, Croce, Gentile, etc.), a formação autodidata, a interpretação dos problemas das grandes massas, a renovação do sentido da crítica, a análise sociológica da realidade contemporânea, a aproximação do intelectual com o povo, a luta pela consciência de classe do operário, o alento filosófico no jornalismo político, a busca de uma grande revista para difundir seu pensamento, a fundação de uma empresa editorial, são circunstâncias coincidentes em ambos escritores⁶.

Para Antonio Melis, Mariátegui assimila a crítica histórica de Piero Gobetti e promoveria, posteriormente, um tipo de tradução desta em termos hispânicos⁷. O peruano considera o jovem intelectual italiano como um “crociano de esquerda”, o «teórico da “revolução liberal” e o “militante de *L’Ordine Nuovo*»⁸. Avalia com entusiasmo o trabalho investigativo de Gobetti e enfatiza seus contatos com o movimento operário de Turim:

Sua investigação se moveu, com sua aproximação a Gramsci e sua colaboração no *L’Ordine Nuovo*, para o terreno da experiência atual e direta. Gobetti compreendeu, então, que uma nova classe dirigente não podia se formar senão neste campo social, onde seu idealismo concreto se nutria moralmente da disciplina e da dignidade do produtor⁹.

Núñez chega mesmo a aventar a hipótese de que a estrutura do principal livro de Mariátegui, *Siete Ensayos de Interpretación de la realidad peruana*, deva sua inspiração à leitura da obra de Gobetti, em particular o livro *A revolução liberal*¹⁰. O amadurecimento intelectual de Mariátegui está ligado de forma decisiva, assim, a um período crucial da história da Itália: o primeiro pós-guerra, a fundação do Partido Comunista e o surgimento do regime fascista. Presenciou a atuação de Gramsci (1891-1937) no Congresso de Livorno de 1921, no qual esteve presente como jornalista correspondente. Mariátegui cita com frequência o periódico «*L’Ordine Nuovo*» coeditado por Gramsci em Turim (lançado em maio de 1919). Tratava-se do órgão político e cultural que mais tarde viria a ser instrumento oficial do PCI, liderado, entre outros, por Gramsci, Togliatti, Tasca e Terracini. A revista «*Amauta*», fundada por Mariátegui em 1926, guardaria semelhanças com a publicação italiana em seus objetivos e perspectivas editoriais, sobre o que falaremos adiante.

⁶ *Ivi*, pp. 25-26.

⁷ ANTONIO MELIS, *Mariátegui, el primer marxista de América*, em JOSÉ ARICÓ (a cura di), *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*, Ediciones Pasado y Presente, México D.F. 1978, p. 209.

⁸ *Ibidem*.

⁹ JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy*, Empresa Editora Amauta, Lima 1970, p. 115.

¹⁰ NÚÑEZ, *La experiencia europea de Mariátegui*, cit., p. 26.

Mariátegui tinha em comum com Gramsci considerável cultura literária. Como o marxista sardo, dedicou parte relevante de seus escritos à crítica literária. Segundo Núñez¹¹, «o teatro de Pirandello e o culto do popular e do social na literatura foram predileções comuns». Também como Gramsci, rejeitava as reduções positivistas e sociologistas a que o marxismo era submetido, o que nos dois autores, por exemplo, se expressa na polêmica com as teses de Achille Loria - contra quem mesmo Croce, em sua fase de proximidade ao marxismo, polemizou.

Outra coincidência interessante e, como registra Melis, absolutamente independente, entre as elaborações de ambos os autores, está no interesse pelo fordismo e taylorismo. A série de artigos que Mariátegui publica em 1927 no periódico «Variedades» sobre os Estados Unidos e, em particular, sobre as teses de Henry Ford¹², encontram correspondências precisas nas notas que Antonio Gramsci reuniu no cárcere, a partir de 1929, sob o título de “Americanismo e Fordismo”¹³.

Além de um objetivo conscientemente alcançado, a aproximação de Mariátegui à cultura italiana foi uma maneira eficaz de se aproximar também do pensamento europeu contemporâneo. Para Núñez,

A cultura italiana se caracterizou sempre por sua permeabilidade humanística e seu alento para a interpretação da inquietude cultural europeia. As melhores expressões da inteligência alemã, francesa, escandinava e russa encontraram, em todas as épocas, tradutores, eruditos comentadores e sutis críticos na península, sempre atualizados. O fenômeno é o mesmo tanto no âmbito literário, nas ideias sociais, na filosofia quanto nas expressões do direito teórico e positivo¹⁴.

Outro fenômeno para o qual Mariátegui não poderia, obviamente, deixar de direcionar sua atenção, é o advento do fascismo. Ao retornar da Itália, ele elabora e sintetiza suas impressões sobre a ascensão fascista, análise «que ainda nos surpreende pela precisão com que são captadas a topologia e a colocação de todos os componentes que contribuem para o advento do regime»¹⁵. Sua clareza de percepção da conjuntura italiana aparece na análise rigorosa do conteúdo classista do fascismo, na apresentação da figura de Mussolini e no repúdio à experiência reformista hesitante do Partido Socialista. Constatou que se tratava objetivamente de uma demarcação de forças na arena da luta de classes, que, financiado pelo capital monopolista italiano, o fascismo explorava a ojeriza da classe média pelo proletariado, enquadrando-a em suas fileiras. Mobilizando-a contra a revolução e o socialismo, o fascismo cresceu como movimento reacionário¹⁶.

A experiência de observação do desenvolvimento do fascismo italiano por Mariátegui causaria nele profunda desconfiança sobre a possibilidade de que as classes médias pudessem participar, de modo permanente, de qualquer movimento progressivo. Esse

¹¹ *Ivi*, p. 28.

¹² MELIS, *Mariátegui, el primer marxista de América*, cit., p. 209.

¹³ *Ibidem*. Hoje também reunidos na edição póstuma *Defensa del marxismo*, nesses artigos Mariátegui se interessa, entre outras coisas, pelo efeito ideológico que as ideias de Ford exercem sobre a subjetividade dos trabalhadores. Procura demonstrar, além disso, contestando reformistas da época, que as práticas do industrial estadunidense confirmariam as teses de Marx sobre a centralização e a concentração do capital, produzindo efeitos de monopolização.

¹⁴ NÚÑEZ, *La experiencia europea de Mariátegui*, cit., p. 31.

¹⁵ MELIS, *Mariátegui, el primer marxista de América*, cit., p. 206.

¹⁶ JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, *La escena contemporánea*, Empresa Editora Amauta, Lima 1972, pp. 14-15.

seria um dos principais motivos de seu rompimento com a Aliança Popular Revolucionária Americana, de Victor Raúl Haya De La Torre¹⁷.

Enquanto Gramsci partia para Moscou, em meados de 1922, Mariátegui iniciava sua viagem de retorno ao Peru. De volta à pátria andina, o marxista peruano desdobrou plenamente o período de aprendizado mais intenso de sua vida, traduzindo na prática, em termos nacionais e latino-americanos, as conclusões programáticas extraídas de sua experiência europeia. A primeira atividade nesse sentido foi um conjunto de conferências, a convite do ainda aliado Haya De La Torre, na “Universidad Popular Gonzalez Prada”, uma iniciativa de Haya para promover a formação e a politização dos trabalhadores peruanos, por meio de palestras públicas de intelectuais e estudantes universitários engajados no movimento estudantil que sacudia a América Latina à época.

Mariátegui considera o conjunto de suas conferências como um estudo da “crise mundial”. Para ele, tal estudo é fundamental para se contextualizar a situação peruana. Apresentando o início de suas conferências nas UPGP, faz uma observação que serve muito aos tempos atuais, de forma geral, quando chama atenção para o fato de que «faltam grupos socialistas e sindicalistas, donos de instrumentos próprios de cultura popular e com aptidão, portanto, de fazer o povo se interessar pelo estudo da crise»¹⁸.

Em poucos anos, Mariátegui colocará em prática não apenas o projeto de “instrumentos próprios de cultura popular”, mas também de uma ferramenta organizadora de toda a vida cultural peruana, com o objetivo de superar o caráter colonial e estreito da intelectualidade do país. Esta ferramenta será a revista «Amauta».

3. A revista «Amauta»

Em seu escrito sobre *a questão meridional*, em 1926, escreve Gramsci que «o proletariado destruirá o bloco agrário meridional na medida em que conseguir, por meio de seu partido, organizar em formações autônomas e independentes massas cada vez mais notáveis de camponeses pobres»¹⁹. Mas, continua Gramsci, tal tarefa central dependerá, também, da capacidade desta aliança operário-camponesa em «desagregar o bloco intelectual que é a armadura [...] do bloco agrário»²⁰. É diante do mesmo desafio que se encontra o marxista peruano. Para desagregar o bloco intelectual militar-eclesiástico dominante em seu país, ou o “bloco agrário”, ele precisava aglutinar intelectuais que assumissem conscientemente tal tarefa. Assim, com amigos intelectuais e militantes funda, em setembro de 1926, a revista «Amauta».

Como chama a atenção Antonio Melis, «Amauta» possui as principais características, que ainda seriam elencadas por Gramsci em seus próprios escritos, para uma revista que centralizasse esta operação cultural²¹. As considerações de Gramsci sobre isso aparecem mais sistematizadas no Caderno 24, § 3. Ele elenca os traços mais importantes de publicações que possuam como objetivo organizar intelectualmente

¹⁷ Haya propunha um movimento centralizado na liderança das classes médias, que considerava mais preparadas que os trabalhadores manuais para imprimir uma efetiva luta anti-imperialista no Peru, mas que não rompesse necessariamente com o capitalismo.

¹⁸ JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, *Historia de la crisis mundial*, Empresa Editora Amauta, Lima 1973, p. 15.

¹⁹ ANTONIO GRAMSCI, *Alcuni temi della questione meridionale*, in *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*, Giulio Einaudi Editore, Torino 1971, p. 158.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ MELIS, *Mariátegui, el primer marxista de América*, cit., p. 213.

certo estrato médio de cidadãos e transformá-los em força política unitária e progressiva. Para Gramsci, tais publicações deveriam alcançar «certa massa de público que é mais ativa intelectualmente, mas apenas em estado potencial, a quem mais importa elaborar, fazer pensar concretamente, transformar, homogeneizar, de acordo com um processo de desenvolvimento orgânico que conduza do simples senso comum ao pensamento coerente e sistemático»²².

Alguns dos elementos propostos por Gramsci coincidem incisivamente com a estrutura de «Amauta»: «biografias político-intelectuais [...]; exame crítico-histórico bibliográfico de situações regionais [...]; resenhas de livros [...] de tipo crítico - informático [...] um tipo teórico-crítico [...]» e ainda a crítica literária sobre os temas contemporâneos mais importantes²³.

No texto de apresentação do primeiro número de «Amauta», os objetivos ainda não parecem se dirigir claramente para a formação de um compacto grupo progressivo de intelectuais engajados em eventual processo revolucionário. Mariátegui anuncia a perspectiva geral, a «vontade de criar um Peru novo dentro do mundo novo» com uma ferramenta que será «a voz de um movimento e de uma geração»²⁴. A preocupação aqui é formatar uma referência cultural própria, essencialmente peruana, o que em si já seria algo moderno: «O Peru é um país de rótulos e de etiquetas. Façamos, afinal, alguma coisa com conteúdo, vale dizer, com espírito»²⁵. A mesma apresentação, em todo caso, já trazia em embrião o que rapidamente se desenvolveria na direção de uma organização intelectual com objetivos revolucionários.

Trata-se da notória máxima de Marx “nada de humano me é estranho”, evocando o escritor latino do século II, Terêncio, passagem registrada em um questionário aplicado a ele por sua filha Laura. «Todo o humano é nosso», escreve Mariátegui, após afirmar que

o objetivo desta revista é formular, esclarecer e conhecer os problemas peruanos a partir de pontos de vista doutrinários e científicos. Mas consideraremos sempre o Peru dentro do panorama do mundo. Estudaremos todos os grandes movimentos de renovação políticos, filosóficos, artísticos, literários, científicos²⁶.

Sabe-se que o título de «Amauta»²⁷ não foi a primeira escolha de Mariátegui, mas ele acabou concordando ao final das discussões entre o grupo que a preparava. Sobre o termo, ele escreve que «não se considere, neste caso, a acepção estrita da palavra. O título só traduz nossa adesão à Raça, só reflete nossa homenagem ao incaísmo. Mas, especificamente, a palavra *Amauta* adquire, com esta revista, uma nova acepção. Vamos criá-la outra vez»²⁸.

O título da revista era explicado por Mariátegui, assim, como um símbolo que pudesse fazer com que o Peru indígena e a América indígena sentissem que a revista era sua. Era uma virada política indigenista que significava romper com a intelectualidade colonizada, uma busca das raízes pré-hispânicas e populares da formação do espírito nacional. Ou poderíamos dizer, com lentes gramscianas, que

²² ANTONIO GRAMSCI, *Quaderni del carcere*, Einaudi, Torino 2001, p. 2263.

²³ *Ivi*, pp. 2264-2267.

²⁴ JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, *Ideologia y política*, Empresa Editora Amauta, Lima 1974, p. 237.

²⁵ *Ivi*, p. 238.

²⁶ *Ivi*, p. 239.

²⁷ Que no idioma quéchua dos países andinos significa “mestre”, “sábio”.

²⁸ MARIÁTEGUI, *Ideologia y política*, cit., p. 238.

Amauta significava um esforço de constituição, na intelectualidade peruana, de um ponto de vista nacional-popular.

A edificação de um original ponto de vista nacional-popular requeria uma linguagem própria. Que se lembre aqui da passagem de Gramsci sobre a criação de uma linguagem própria por cada nova corrente cultural, que

participa no desenvolvimento geral de uma determinada língua nacional, introduzindo termos novos, *enriquecendo de novo conteúdo termos já em uso*, criando metáforas, servindo-se de nomes históricos para facilitar a compreensão e o juízo a respeito de determinadas situações atuais, etc....²⁹.

O termo *Amauta* representava, desse modo, o urgente protagonismo indígena na nova cena política e cultural no Peru, para a qual a revista serviria como bússola intelectual. A revista apresentaria, portanto, uma linguagem nova e própria, uma forma de comunicação que evidenciasse o projeto daquele protagonismo, que fosse capaz de inspirar identificação no público geral ao qual a causa da revista se dirigia. No editorial de segundo aniversário da revista, o rompimento com Haya De La Torre já tinha acontecido e Mariátegui firmava a direção política do periódico em combate ao reformismo aprista³⁰. Assim, se percebe com clareza, no pensamento político de Mariátegui e do coletivo que passava a definir *Amauta* em termos ideológicos, o destaque contínuo das características específicas que possuía a luta de classes na América Latina e no Peru, a importância que tinham os problemas indígena e agrário, que requeriam o enriquecimento e a adequação do marxismo e do leninismo para os altiplanos andinos.

Algumas passagens do texto de setembro de 1928 se tornaram antológicas ao descreverem os princípios que se consolidavam na revista:

Na luta entre dois sistemas, entre duas ideias, não nos ocorre sentirmo-nos expectadores nem inventarmos um terceiro termo. [...] Na nossa bandeira, inscrevemos esta única, simples e grande palavra: socialismo (Com este lema, afirmamos nossa absoluta independência frente à ideia de um Partido Nacionalista, pequeno-burguês e demagógico)³¹.

Em seguida, Mariátegui reitera o significado cultural e político da operação político-linguística a que se propunha: «Tomamos uma palavra inca para criá-la de novo. Para que o Peru índio e a América indígena sentissem que esta revista era sua. E apresentamos *Amauta* como a voz de um movimento e de uma geração»³².

E a missão desta nova geração, Mariátegui a define em uma de suas mais citadas passagens: «Não queremos, certamente, que o socialismo seja na América decalque e cópia. Deve ser criação heroica. Temos de dar vida, com nossa própria realidade, na

²⁹ GRAMSCI, *Quaderni del carcere*, cit., p. 2264.

³⁰ São notórios os motivos do rompimento de Mariátegui com a organização de Haya de La Torre, a Aliança Popular Revolucionária Americana, em 1928. Haya decidira transformar o movimento em partido político centrado na classe média, com planos de lançar-se à presidência da república. Pregava uma resistência policlassista ao imperialismo, que não incluísse a luta por uma revolução socialista. Em sua opinião, o marxismo era uma teoria que servia apenas ao continente europeu, posto que ali fundada e desenvolvida, e não se encaixava nas necessidades de desenvolvimento peruano em particular e latino-americano em geral.

³¹ MARIÁTEGUI, *Ideologia y política*, cit., p. 246.

³² *Ivi*, p. 247.

nossa própria linguagem, ao socialismo indo-americano. Eis uma missão digna de uma nova geração»³³.

Ora, se estamos procurando aproximações teóricas e metodológicas entre Mariátegui e Gramsci, impossível não remetermos aqui à conhecida proposta gramsciana da tradutibilidade das questões culturais e políticas entre distintas formações sociais:

A tradutibilidade pressupõe que uma determinada fase da civilização tenha uma expressão cultural “fundamentalmente” idêntica, mesmo que a linguagem seja historicamente diversa, determinada pela tradição particular de cada cultura nacional e de cada sistema filosófico, do predomínio de uma atividade intelectual ou prática, etc.³⁴

Assim, é necessário saber «traduzir um mundo cultural na linguagem de outro mundo cultural», saber «encontrar a semelhança onde essa pareça não existir», e «encontrar a diferença onde parece haver apenas semelhança, etc.»³⁵. Não se trata de uma transposição mecânica, em que pode ocorrer um desvio arbitrário em relação à sua concepção original. É o caso, antes, da “tradução” e “adaptação”, o que permite um enriquecimento recíproco em relação ao significado original da linguagem transposta.

Para Mariátegui trata-se, igualmente, de empreender a tradução do marxismo para as necessidades e as condições das lutas dos trabalhadores latino-americanos ou, em um plano mais imediato, indo-americanos. Tais especificidades são determinadas pelo imperialismo, pelo atraso com que os países americanos chegam à concorrência capitalista mundial, pela conjunção da exploração da mão-de-obra indígena com a opressão racista.

Mariátegui adverte, claro, que o socialismo não é uma “doutrina indo-americana”, mas tampouco é especificamente europeu, como o capitalismo também não o é. O socialismo é «um movimento mundial, a que não se subtrai nenhum dos países que se movem dentro da órbita da civilização ocidental»³⁶. A civilização ocidental, leia-se capitalista, possui força e meios historicamente inéditos que conduzem a humanidade à universalidade. Nesta ordem mundial, «a Indo-América pode e deve ter individualidade e estilo, mas não uma cultura nem um destino particulares»³⁷.

Para se ter uma ideia da missão a que a revista se propunha, trazia o subtítulo de «Revista Mensal de Doutrina, Literatura, Arte, Polêmica». Seus trinta números saíram entre setembro de 1926 e abril de 1930 (sendo o último número editado após a morte de Mariátegui). Manteve uma seção de artigos onde colaboravam diversos intelectuais, poetas e artistas peruanos próximos de Mariátegui (como o dirigente da APRA Haya De La Torre - enquanto ainda próximo de Mariátegui - , e o poeta marxista César Vallejo) e, obviamente, o próprio diretor da revista, além de contar com textos de Henri Barbusse, Jorge Luís Borges, André Breton, Bukharin, Jean Cocteau, Freud, Gorki, José Ingenieros, Lenin, Lunacharski, Rosa Luxemburgo, Marinetti, Marx, Maiakovski, Ortega Y Gasset, Pablo Neruda, Plekhanov, Romain Rolland, Bernard Shaw, Stálin, Togliatti, Trotsky, entre outros... A revista possuía também uma robusta seção de resenhas e notas críticas de livros e revistas.

³³ *Ivi*, p. 249.

³⁴ GRAMSCI, *Quaderni del carcere*, cit., p. 1468.

³⁵ *Ivi*, p. 914.

³⁶ MARIÁTEGUI, *Ideologia y política*, cit., p. 248.

³⁷ *Ibidem*.

Não apenas «Amauta» pode ser aproximada ao projeto editorial que o próprio Gramsci esboçará nos Cadernos alguns anos depois, mas também um “segundo nível” de publicação que Mariátegui editava, voltada mais diretamente para o público popular, camponês e operário, ou para aqueles, dentre eles, que pudessem ler e ensinar: o periódico quinzenal «Labor», criado em novembro de 1928, com o objetivo de organizar os trabalhadores no nível sindical e, ao mesmo tempo, informá-los a respeito de suas próprias lutas pelo país. A intervenção de «Labor» foi fundamental para a criação da Central Geral dos Trabalhadores Peruanos, em 1929, a partir de textos de Mariátegui recomendando sua formação. A ideia era dar à luta dos trabalhadores peruanos um perfil organizado que se separasse, enfim, de seu tradicional anarcossindicalismo.

A CGT peruana é efetivamente criada em 17 de maio. No ano seguinte, a Central já contará com 58 mil trabalhadores da indústria e cerca de 30 mil índios agrupados na Federação Indígena.

Mariátegui era leitor de «L'Ordine Nuovo» e, muito provavelmente, também se inspirava no periódico dos comunistas turineses. Fato é que planejava, para «Labor», que a publicação se tornasse, em futuro próximo, órgão periódico do partido. Em correspondência com seu colaborador Moises Arroyo Posadas, de 5 de junho de 1929, falando sobre iniciar uma coluna no jornal que fosse voltada para os indígenas ocupantes de terras comunais (os “ayllu”), Mariátegui escreve:

Esperamos a resposta de outros núcleos de simpatizantes encarregados de organizar a difusão de “Labor” para continuarmos pontualmente a publicação de nosso quinzenário, no qual devemos enxergar *o germe de um futuro diário socialista*³⁸ [itálicos meus].

Escorsim³⁹ também registra essa informação e acrescenta que

enquanto circulou - graças a grupos de militantes espalhados inclusive na região serrana -, *Labor* serviu de instrumento também para a organização partidária [...] *Labor*, não obstante sua curta existência, teve um significativo impacto no processo de organização sindical dos trabalhadores peruanos.

A ideia de consolidar um veio de militância voltado especificamente para os indígenas ocupantes de terras comunais está ligado a uma concepção específica de Mariátegui sobre as possibilidades de desenvolvimento do socialismo peruano, como veremos com algum detalhe na seção seguinte.

4. Um revolucionário “romântico”

Mariátegui tem em comum com Gramsci, mas também com pensadores como Maquiavel e Marx, a necessidade de pensar a “grande política” e, ao mesmo tempo, praticá-la. Ele cria a concepção de luta de classes no Peru e, concomitantemente, nela intervém. Trata-se de edificar um novo Estado no país andino, um Estado de novo tipo, no qual a direção esteja em mãos indígenas, numa frente classista entre camponeses, trabalhadores agrícolas, operários mineiros e urbanos. Pensando sobre uma formação social basicamente agrária, com características semifeudais no campo e proletariado embrionário na cidade, ao mesmo tempo que subjugada pelo moderno

³⁸ JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, *Correspondencia (1918-1930) Selección*, Empresa Editora Amauta, Lima 1984, p. 571.

³⁹ LEILA ESCORSIM, *Mariátegui: vida e obra*, Expressão Popular, São Paulo 2006, p. 283.

capital financeiro imperialista, necessita lançar mão de ferramentas analíticas e organizacionais com características específicas em relação àquelas empregadas nas lutas da classe operária europeia.

Para Florestan Fernandes, a obra de Mariátegui inova porque apresenta uma alternativa latino-americana a um equívoco decorrente do que ele chama de «primazias eurocêntrica e bolchevique» no seio do marxismo como filosofia política⁴⁰. Tal equívoco é representado pela frequência com que os militantes revolucionários teriam acreditado na inevitabilidade de uma transformação que, na verdade, eles deveriam provocar por meio de sua própria ação, orientar como agentes coletivos. Mariátegui, ao contrário, representaria a primazia da ação, da iniciativa, na esteira de uma concepção heterodoxa que Löwy classifica como «anticapitalismo romântico»⁴¹.

Apenas levando em consideração uma forte influência eurocêntrica nos estudos sobre América Latina se pode entender o largo silêncio sobre «uma figura excepcional como José Carlos Mariátegui, talvez o maior intelectual latino-americano de nosso século»⁴². Melis se refere às ausências de estudo sobre Mariátegui na Itália, mas esta observação serve muito adequadamente, ainda que meio século depois de feita, ao próprio ambiente intelectual latino-americano.

Mariátegui cria o marxismo indo-americano e inova em um sentido que pode ser, de fato, considerado heterodoxo em relação à história do marxismo europeu. Este termo não é gratuito. Tratava-se, antes de tudo, em Mariátegui e em outros jovens intelectuais de esquerda no Peru da época, de uma reação ao pensamento positivista do início do século. Tal reação antipositivista envolveu setores intelectuais abertos à experiência marxista, mas que ao mesmo tempo atuavam em um cenário de luta operária que se edificava em terreno preparado pela difusão das doutrinas de Proudhon e Bakunin⁴³. Tudo isso desembocará mais tarde, pela caneta do marxista peruano, na apropriação do conceito de “mito”, em um ambiente que continha e favorecia uma sorte de interpretações de tipo soreliano⁴⁴.

Melis destaca, no quadro geral da qualificação ideológica e cultural de Mariátegui e no significado de seu marxismo, para além das incontornáveis assimilações de Marx e Lênin,

aqueles elementos vitalistas e irracionistas que são o resíduo da formação juvenil do autor e, ao mesmo tempo, a conotação particular do ambiente marxista latino-americano daqueles anos. Ali, mais que em qualquer outra parte, o positivismo havia acabado por representar a filosofia da mediocridade burguesa, isso quando não se tinha convertido mesmo na doutrina oficial de um regime autoritário, como no México de Porfírio Díaz⁴⁵.

É contra as platitudes do racionalismo que Mariátegui reivindica a necessidade de um mito, de uma concepção metafísica da vida.

⁴⁰ «Sua convicção era clara: os progressos do capitalismo redundam em aumento geométrico da barbárie. Essa realidade sempre foi subestimada de uma perspectiva eurocêntrica. Um marxista peruano, todavia, não tem por que se enganar a respeito». FLORESTAN FERNANDES, *A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários*, Ática, São Paulo 1995, p. 65.

⁴¹ Löwy, *Introdução*, cit.

⁴² MELIS, *Mariátegui, el primer marxista de América*, cit., p. 201.

⁴³ *Ivi*, p. 220.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ *Ibidem*.

Em Mariátegui, essa é uma discussão à qual subjaz, de toda forma, a consideração de um conteúdo ético do socialismo, o qual o marxista peruano evoca diferenciando-se de todo humanitarismo pequeno-burguês. Trata-se de uma distinção importante, porque serve para esclarecer e circunscrever com precisão o sentido dos impulsos voluntaristas, ou do otimismo do ideal, da vontade, no autor:

Os marxistas não acreditamos que a tarefa de criar uma nova ordem social, superior à ordem capitalista, seja responsabilidade de uma massa amorfa de marginalizados e oprimidos, liderada por pregadores evangélicos do bem. A energia revolucionária do socialismo não se alimenta de compaixão ou inveja. Na luta de classes, onde residem todos os elementos do sublime e heroico de sua ascensão, o proletariado deve elevar-se a uma moral de produtores, muito distante e diferente da moral de escravos, da qual oficiosamente seus gratuitos professores de moral se esforçam em provê-lo, horrorizados por seu materialismo⁴⁶.

Para Michael Löwy, esta postura, que considera “romântica”, é o que caracteriza a perspectiva revolucionária do marxismo de Mariátegui. O romantismo é «o protesto cultural contra a civilização capitalista moderna»⁴⁷, que ocorre em nome de valores e imagens cultivados no passado pré-capitalista, mas não apenas em sua forma reacionário-aristocrática como defesa dos “antigos regimes” desaparecidos. Para Löwy, ele está presente no pensamento do próprio Marx, como, por exemplo, em sua correspondência com a revolucionária russa Vera Zaslitch sobre a importância, para a transição ao socialismo, das comunidades rurais tradicionais da Rússia (“obshchina”). Essa possibilidade representaria para Marx um «renascimento do tipo de sociedade arcaica sob uma forma superior»⁴⁸.

Löwy identifica dois desenvolvimentos do marxismo após as mortes de Marx e de Engels: aquele caracterizado por um evolucionismo positivista, que marcará principalmente a Segunda Internacional (tendo em Kautsky seu principal representante) e o que ele designa como “corrente romântica”, por criticar as “ilusões do progresso” e do cientificismo e sugerir uma «dialética utópico-revolucionária entre o passado pré-capitalista e o futuro socialista»⁴⁹. Entre seus representantes estariam Ernst Bloch, Walter Benjamin e Herbert Marcuse⁵⁰.

Fora do contexto europeu e da perspectiva eurocêntrica, é a essa segunda corrente que Mariátegui pertenceria. É por essa via que o pensador peruano logra elaborar um marxismo próprio para a América Latina e o Peru em particular, operacionalizando as assimilações de pensamento romântico que fez, em seu período europeu, de autores Nietzsche, Bergson, Sorel e na escola surrealista.

A semelhança entre o diálogo epistolar de Marx com Zaslitch e a valorização que Mariátegui faz da antiga forma comunitária pré-colombiana do *ayllu* (forma comunal de explorar a terra em coletivos familiares) é central aqui. No *ayllu* está presente o espírito coletivista que, segundo Mariátegui, teria resistido nos descendentes dos povos quéchua e aymará que ocupavam as grandes extensões do *Tawantinsuyo* (império inca). Para Mariátegui, a construção do socialismo peruano já possuiria suas

⁴⁶ JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, *Defensa del marxismo*, Empresa Editora Amauta, Lima 1969, pp. 72-73.

⁴⁷ LÖWY, *Introdução*, cit., p. 9.

⁴⁸ KARL MARX, FRIEDRICH ENGELS, *Lutas de classes na Rússia*, Boitempo, São Paulo 2013, pp. 95-96.

⁴⁹ LÖWY, *Introdução*, cit., p. 10.

⁵⁰ ID., *Ernst Bloch e Theodor Adorno: luzes do romantismo*, em «Cadernos Cemarx», n° 6, 2009, pp. 11-27.

condições subjetivas nas formas atávicas de relação do camponês indígena com a terra⁵¹.

É este atavismo coletivista que será articulado por Mariátegui ao conceito soreliano de “mito” e constituirá processo central em seu romantismo revolucionário. É como “mito” (o bloco de imagens da consciência coletiva que constitui o objetivo futuro) que se forja a descoberta do porvir revolucionário, com base nas aspirações comunitárias que caracterizam a imagem que Mariátegui constrói do passado autóctone⁵².

Em uma passagem bastante conhecida, escrita em 1925, afirma o autor:

O mito liberal renascentista envelheceu demais. O proletariado tem um mito: a revolução social. Dirige-se para este mito com uma fé veemente e ativa. A burguesia nega, o proletariado afirma. A intelectualidade burguesa entretém-se numa crítica racionalista ao método, à teoria, à técnica dos revolucionários. Quanta incompreensão! A força dos revolucionários não está na sua ciência, está na sua fé, na sua paixão, na sua vontade. É uma força religiosa, mística espiritual. É a força do Mito. [...]. Os motivos religiosos se deslocaram do céu para a terra. Não são divinos; são humanos, são sociáveis⁵³.

Três anos depois, afirmaria ainda: «O materialismo socialista contém todas as possibilidades de ascensão espiritual, ética e filosófica. E nunca nos sentimos mais veemente, eficaz e religiosamente idealistas do que ao firmar bem a ideia e os pés na matéria»⁵⁴.

Também Gramsci, como se lê em seus escritos pré-carcerários, se entusiasmou com Sorel. Antes de se distanciar criticamente do filósofo francês, escreveu dele, entre outras passagens:

Sentimos que Sorel realmente se tornou o que Proudhon havia sido, isto é, um amigo desinteressado do proletariado. Por isso sua palavra não pode deixar indiferentes os trabalhadores de Turim, trabalhadores que entenderam muito bem que instituições proletárias devem ser criadas paciente e cuidadosamente, para que a próxima revolução não seja um engano colossal⁵⁵.

Já nos *Cadernos do Cárcere*, embora as limitações políticas do conceito soreliano do Mito tenham sido analisadas por Gramsci e ele tenha superado criticamente os pudores antijacobinos de Sorel, ainda assim o sardo não desdenhava sumariamente do filósofo do sindicalismo revolucionário francês. Segundo Gramsci, embora Sorel demonstrasse, ao longo de sua vida intelectual, inconstâncias e incoerências teóricas, «fornece ou sugere pontos de vista originais, descobre nexos impensados,

⁵¹ Neste âmbito, Mariátegui promove um avanço fundamental para a questão ao relacionar o problema do índio ao problema da terra, ou das formas da propriedade fundiária no Peru, o que constituiu grande mérito histórico do marxista peruano.

⁵² Leila Escorsim, autora de um relevante estudo sobre o pensamento de Mariátegui no Brasil, discorda da interpretação “romântico-revolucionária” de Löwy. Para ela, que se apoia no jovem Lukács, o romantismo não pode epistemologicamente ser revolucionário, dado que é justamente uma negação das conquistas modernas, da civilização industrial, um anticapitalismo essencialmente reacionário. A autora não acha que essas características se encontrem em Mariátegui em chave positiva (revolucionária-socialista), caracterizando, antes, lacunas na formação filosófica do autodidata peruano. ESCORSIM, *Mariátegui: vida e obra*, cit.

⁵³ JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy*, Empresa Editora Amauta, Lima 1970, p. 22.

⁵⁴ Id., *Ideología y política*, cit., p. 250.

⁵⁵ ANTONIO GRAMSCI, *L'Ordine Nuovo*, Giulio Einaudi Editore, Torino 1955, p. 461.

mas verdadeiros, obriga a pensar e aprofundar»⁵⁶. Sorel ainda é colocado por Gramsci numa posição estratégica para a história intelectual da filosofia da práxis:

A filosofia da práxis tornou-se um momento da cultura moderna, uma atmosfera difusa, que modificou os velhos modos de pensar, as reações não aparentes e não imediatas. O estudo de Sorel é especialmente interessante desse ponto de vista, porque através de Sorel e de seu destino podem-se encontrar muitos indícios a esse propósito⁵⁷.

Para Mariátegui, Sorel funcionava, além disso, em chave prático-política. O peruano atuava em uma sociedade “incompletamente capitalista”, dirigindo-se a um proletariado recém-saído de suas origens⁵⁸. A diferença entre artesãos e operários mal se delimitava, tratava-se ainda das mesmas pessoas. Sua fração organizada era predominantemente anarcossindicalista, que materializava em si mesma as teorias de Sorel. A eles, «o sorelismo proporcionou uma teoria mais adequada, mais eficaz, mais traduzível, finalmente, que o marxismo puro de *O Capital* de Marx»⁵⁹. Mariátegui, portanto, fincava firmemente os pés na realidade peruana.

5. Os Siete Ensayos e a Questão Meridional

A obra que expressa toda a força e a originalidade do pensamento do marxista peruano é, sem dúvida, seu livro de 1928, os *Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana* (Editorial Amauta), que terá inúmeras edições em espanhol em diferentes países, além de traduções em francês, italiano e inglês. Sua primeira edição em português apareceu em 1974, pela editora Alfa-Ômega de São Paulo, prefaciada por Florestan Fernandes.

Já no item sobre “O problema do índio”, Mariátegui afirma:

A crítica socialista [...] busca suas causas na economia do país e não em seu mecanismo administrativo, jurídico ou eclesiástico, nem em sua dualidade ou pluralidade de raças, nem em suas condições culturais e morais. A questão indígena tem origem em nossa economia. *Tem suas raízes no regime de propriedade da terra*⁶⁰ [itálicos meus].

Melis observa a relação que se pode estabelecer entre o rechaço que a análise marxista de Mariátegui recebe dos indigenistas da época e o surgimento movimento aprista, que tinha sua base de apoio precisamente nas camadas médias mestiças, vinculadas ao humanitarismo de caridade⁶¹.

O marxista peruano faz questão de enfatizar a distância que o separa do indigenismo “humanitário”, que se faz presente em diferentes momentos da história colonial e republicana. Marcando sua diferença com tal tradição que se inicia com Bartolomé de Las Casas imediatamente após a Conquista, escreve:

Não nos contentamos em reivindicar o direito do índio à educação, à cultura, ao progresso, ao amor, ao céu. Começamos por reivindicar, categoricamente, seu

⁵⁶ ID., *Quaderni del carcere*, cit., p. 1494.

⁵⁷ *Ivi*, p. 1856.

⁵⁸ ROBERT PARIS, *Mariátegui, Un “sorelismo” ambiguo*, em JOSÉ ARICÓ (a cura di), *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*, cit., p. 158.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, *7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana*, Fundación Biblioteca Ayacucho, Caracas 2007, p. 26.

⁶¹ MELIS, *Mariátegui, el primer marxista de América*, cit., p. 216.

direito à terra. Esta reivindicação perfeitamente materialista deveria bastar para que se não nos confundisse com os herdeiros ou repetidores do verbo evangélico do grande frade espanhol, a quem, por outro lado, tanto materialismo não nos impede de admirar e estimar fervorosamente⁶².

Um dos aspectos mais interessantes das análises de Mariátegui nos *Siete Ensayos* permanece sendo a abordagem do “comunismo agrário” da sociedade incaica. Ele estabelece um paralelismo entre as comunidades agrícolas dos índios peruanos e as comunas rurais da Rússia, que já tinham chamado a atenção de Marx e Engels em suas investigações sobre as formas econômicas pré-capitalistas. Nessas passagens, encontram-se indicações precisas para a luta de classes na Indo-américa, que, em sua resistência ao individualismo liberal, deverá se apoiar na existência de um espírito comunitário defensivo entre os índios⁶³.

Sobre o conjunto de países da América Latina, Gramsci, nos Cadernos do Cárcere, lembra suas características notórias na década de 1930, ou seja, desenvolvimento industrial muito baixo e alta concentração fundiária, associados à consequente dominação política das castas militares, latifundiárias e eclesiásticas. Mas a ele não escapa, ainda que não se ocupe mais disso em suas notas, o importante papel exercido pelas diferenças raciais na região. Em uma passagem do longo primeiro parágrafo do Caderno 12, afirma: «A composição nacional é muito desequilibrada mesmo entre os brancos, mas se complica ainda mais pela notável quantidade de índios que, em alguns países, formam a maioria da população»⁶⁴. Nessas regiões da América haveria «uma situação na qual o elemento laico e burguês ainda não atingiu a fase da subordinação dos interesses e da influência clerical e militar à política laica do Estado moderno»⁶⁵. Trata-se aqui da ausência de construção da hegemonia burguesa na América Latina, vácuo que será ocupado pela burguesia financeira dos Estados Unidos, que se esforça por manter a fragmentação das ex-colônias espanholas «por meio de uma rede de organizações e movimentos guiados por eles», entre os quais o principal é a «organização bancária, industrial e de crédito que se estende por toda a América»⁶⁶.

Gramsci menciona um tema que, para Mariátegui, será central na estruturação de suas reflexões: o imperialismo sobre a América Latina. Mas não apenas isso. O sardo coloca no centro da reflexão, com respeito às Américas, a problemática racial em conotação classista, em ambos os polos (branco e índio - “pellirossa”) de uma relação absolutamente desigual de forças. Ora, ali, as classes trabalhadoras (majoritariamente camponesas) são os índios; as classes dominantes são brancas. Sobre a América do Sul e Central Gramsci observa que

é caracterizada 1) por um número considerável de índios que exercem, embora passivamente, influência sobre o Estado: seria útil obter informações sobre a posição social desses índios, sobre sua importância econômica, sobre sua participação na propriedade da terra e na produção industrial....⁶⁷.

Já as “raças brancas” que dominam a América central e meridional não podem se comparar àquela dos Estados Unidos: «Em muitos Estados elas representam uma fase

⁶² MARIÁTEGUI, *7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana*, cit., p. 39.

⁶³ MELIS, *Mariátegui, el primer marxista de América*, cit., p. 218.

⁶⁴ GRAMSCI, *Quaderni del cárcere*, cit., p. 1529.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ *Ivi*, p. 290.

⁶⁷ *Ibidem*.

semifeudal e jesuítica, pelo que se pode dizer que todos os Estados da América Central e do Sul (com exceção talvez da Argentina) têm de atravessar [...] o advento do Estado laico moderno»⁶⁸.

Na verdade, Gramsci já tinha tratado de alguns fenômenos semelhantes em seu ensaio pré-carcerário sobre a questão meridional na Itália. É curioso que ele não tenha se demorado mais sobre a questão do racismo no interior de seu próprio país, ao criticar a ideologia “difundida de forma capilar” nas massas do Norte pelos propagandistas da burguesia, ou seja, que os habitantes do Sul italiano seriam pessoas biologicamente inferiores e, por isso, economicamente incapazes e culpados pelo atraso do *Mezzogiorno*⁶⁹.

Não obstante, a caracterização da estrutura de classes do Sul que Gramsci apresenta, e a aliança de seus grandes proprietários de terra com a burguesia do Norte, é suficiente para desnudar as causas da imutabilidade dessa correlação de forças ideológicas. O Sul formava um «grande bloco agrário constituído de três estratos sociais: a grande massa camponesa amorfa e desagregada, os intelectuais da pequena e média burguesia rural, os grandes proprietários de terra e os grandes intelectuais»⁷⁰. Os grandes proprietários fundiários, no plano da política, e os grandes intelectuais, no plano da ideologia, centralizavam e controlavam toda esta estrutura de relações sociais.

Mariátegui inicia, portanto, os *Siete Ensayos...* explorando os mesmos temas que Gramsci se coloca no cárcere, no texto de 1930 citado acima (Q3, §5), sobre as Américas “meridionale e centrale”, problemas de natureza também semelhante, embora não idêntica, à *questão meridional* italiana. E, tal qual Gramsci, encaminha propostas que não se “resumem” à unidade operário-camponesa, mas almejam a decomposição dos respectivos blocos intelectuais agrários que mantêm imóvel a estrutura de classes em seus países. Os três primeiros capítulos dos *Siete Ensayos (Esquema de la evolución económica, El problema del indio, El problema de la tierra)*, de resto, tratam rigorosamente das questões que, na opinião de Gramsci anos depois, serão centrais para a compreensão das formações sociais latino-americanas. O ponto de partida de Mariátegui é justamente aquela situação, também registrada por Gramsci em relação às Américas no Caderno 12, na qual «Encontramos na verdade, na base do desenvolvimento desses países, os quadros da civilização espanhola e portuguesa dos séculos XIV e XV, caracterizada pela Contrarreforma e pelo militarismo parasitário»⁷¹.

Esmiuçando a história da constituição do Estado peruano, Mariátegui demonstra processos que são comuns à constituição, em geral, dos Estados latino-americanos com formação demográfica de maioria indígena, ou, nos termos de José Martí, a *Indo-américa*. E Estados nos quais os latifundiários “semifeudais” são, muitas vezes, a própria Igreja e os caudilhos militares.

Tal como a Itália de Gramsci, o Peru de Mariátegui possui a sua própria “questão meridional”. A segregação de classe se expressa numa divisão territorial em que os latifúndios da serra andina concentram a exploração da mão-de-obra camponesa, numa relação de base servil: dependência pessoal, obrigação de trabalhar parte da semana nas terras do latifundiário local, pequenas propriedades e propriedades

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ *Id.*, *Alcuni temi della questione meridionale*, cit., in *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*, cit., p. 140.

⁷⁰ *Ivi*, p. 150.

⁷¹ *Id.*, *Quaderni del carcere*, cit., p. 1528.

comunais, reservadas aos camponeses indígenas, de baixa qualidade do solo e em extensão insuficiente para o sustento daqueles.

A serra ainda concentrava a atividade de mineração financiada pelo capital estrangeiro, predominantemente estadunidense, onde atuavam milhares de operários mineiros indígenas. Já na região litorânea, operavam os modernos latifúndios de monocultura de algodão e açúcar, que empregavam mão-de-obra assalariada, com salários ínfimos e extrema dependência pessoal, causada por dívidas que os trabalhadores eram obrigados a contrair com a administração das fazendas, para seu sustento no próprio local de trabalho. Aí, igualmente, o capital empregado já era majoritariamente estadunidense ao final da década de 1920.

Tendo em vista a criação de uma possível e sólida aliança entre as classes camponesas e operárias, o marxista peruano chamou a atenção sobre o papel do proletariado mineiro. Lembrava que os trabalhadores operários de minas continuavam sendo, em grande parte, camponeses durante uma parte do ano, de modo que qualquer trabalhador mineiro conquistado representaria também uma conquista entre os camponeses serranos⁷². Além disso, boa parte deles compunha também um contingente de 30 mil índios agrupados na Federação Indígena.

Essa fração flutuante de trabalhadores que eram mineiros ou camponeses, dependendo da época do ano, era de grande importância para a politização do campo. Enquanto operários mineiros, ou inclusive urbanos, tinham a possibilidade de entrar em contato com o movimento sindical e político. Quando de volta ao campo, enquanto falantes de espanhol e de seus idiomas nativos, poderiam cumprir eficazmente «a missão de instrutores de seus irmãos de raça e classe». Os camponeses entenderão apenas, adverte Mariátegui, os indivíduos pertencentes ao seu meio e falantes de seu idioma, desconfiados que sempre estarão a respeito dos brancos e dos mestiços. Estes, segundo o marxista peruano, «dificilmente assumirão a árdua tarefa de penetrar no meio indígena e de levar a este meio a propaganda classista»⁷³.

Mariátegui vislumbrava a consolidação de um bloco classista de trabalhadores camponeses, agrícolas e o proletariado mineiro e urbano, aliado a estudantes e intelectuais. Fundou o Partido Socialista Peruano em 1928 e, como já mencionado, a CGTP em 1929. Ao final da vida, a organização política das massas trabalhadoras do Peru era sua principal preocupação. Faleceu no auge de sua batalha, legando o mais importante conjunto de reflexões do marxismo latino-americano.

6. Considerações finais

Neste texto, ainda que de forma introdutória, tentei apresentar algumas afinidades entre os pensamentos de Mariátegui e Gramsci em dimensões relevantes de sua trajetória política e intelectual: o ambiente formativo centrado no debate filosófico italiano da segunda década do século; a influência da ascensão do fascismo e o diálogo específico com o filósofo francês Georges Sorel; o debate sobre a organização nacional da cultura e o papel dos intelectuais; a análise de classes na perspectiva da relação entre grande capital e formações agrárias atrasadas; a articulação classista entre campo e cidade.

Assim como Gramsci, Mariátegui construiu um marxismo “vivente”, aberto, uma obra em movimento que, com o passar dos anos, não perde o vigor diante da realidade. Partindo da situação concreta e específica do Peru de sua época, Mariátegui

⁷² MARIÁTEGUI, *Ideologia y política*, cit., p. 34.

⁷³ *Ivi*, p. 44.

empreende a tradução do marxismo para uma formação social majoritariamente indígena (quéchua e aymará), dominada por latifúndios controlados pelo capital financeiro externo (principalmente na costa) ou por grandes proprietários que concentravam a terra na região serrana.

A atualidade da análise mariateguiana foi e continua sendo demonstrada pela história recente da América Latina, ou mais especificamente, *Indo-América*, a partir da reaparição do protagonismo político dos movimentos sociais indígenas. Em meados dos anos 1990 (janeiro de 1994) ocorre a revolução camponesa-indígena de Chiapas, no México, culminância, como se sabe, de um movimento que já se organizava havia anos. À resistência da organização zapatista somou-se, uma década depois, o protagonismo dos movimentos indígenas de Bolívia e Equador, o que favoreceu a chegada aos respectivos poderes locais de governos tidos como anti-neoliberais. Na Bolívia, o próprio movimento indígena cocalero chegou ao poder na figura de seu representante principal, Evo Morales (2006), deposto recentemente por um golpe militar.

Mariátegui e Gramsci rejeitaram respostas prontas e totalizantes ao drama do desenvolvimento capitalista em cada um de seus países. Suas obras não podem ser aproveitadas se lidas de forma desconectada dos problemas concretos que as formações sociais de Peru e Itália, respectivamente, apresentavam. Observadores e participantes coetâneos de determinada época da “crise mundial”, ofereceram respostas análogas às questões apresentadas pelo marxismo naquele período, renovando e revivificando o pensamento de Marx, demonstrando a indissociabilidade entre o particular e o universal no âmbito da filosofia da praxis.